

JESUS CRISTO NO SERTÃO – por Luís da Câmara Cascudo

Estávamos deitados no barro batido e duro da latada. Noite de luar, mas a lua enfurnava-se no algodão em rama das nuvens aglomeradas e densas. De longe em longe é que uma toalha de luz branca e tépida banhava de prata os torreões dos serrotes, salpicando de opala as árvores, e se ia insinuando em riscos e tracejos de platina, na água corrente dos arroios.

Logo depois do café, ficamos fumando grossos cigarrões de palha de milho com fumo negro do Brejo. Contaram-me histórias de Jesus Cristo, quando andara pelas terras vermelhas do sertão.

– Quando Deus andava no mundo, duma feita não tinha senão um pedaço de carne para a *janta*. São Pedro e Judas iam com o Senhor e concordaram no seguinte: quem tivesse o sonho mais bonito comeria a mesquinha ração.

Dormiram sem ceia. Pela manhã passaram a narrar o que tinham sonhado.

– *Eu*, disse Jesus Cristo, *vi o Pai na sua glória. Rodeavam-no anjos, querubins e arcanjos, entoando hosanas e aleluias, ao som de harpas, psaltérios e cítaras. Fiquei à sua direita, e vi passar a tristeza dos homens através das idades.*

– *Eu segui o Mestre na sua ascensão* – explica o divino chaveiro – *o paraíso abriu aos meus olhos pecadores as suas portas luminosas. Senti, do fundo da minha humildade, a presença do Onipotente.*

– *Eu*, declara Judas, num sorriso de judeu matreiro, *vi o Senhor junto ao Todo-Poderoso, e vi Pedro ajoelhado. E como eles estavam no céu e não mais precisariam do mundo, tendo fome, comi a carne.*

Gustavo Barroso no seu livro “Ao som da viola”, narra este mesmo conto, pondo em cena um padre, um estudante e um caboclo. No velho livro árabe “Nushetol Udeba”, a mesma narrativa está registrada como ocorrida entre um cristão, um maometano e um judeu. Idêntico episódio é tratado pelo judeu converso Pedro Affonso, em fins do século XI ou princípios do século XII, na sua “Disciplina Clericalis”: personagens – dois burgueses e um camponês. No século XVI, o italiano Giraldi Cintio, no seu “Eccatomi”, o dá como tendo acontecido em Roma, ano de 1527, entre um filósofo, um astrólogo e um soldado. O caboclo, o judeu, o camponês, o soldado e Judas, foram os vencedores. A tradição popular encarna ritualmente os vitoriosos do amor e da fortuna nos pobres, nos humildes, nos desprotegidos. Está nisto a suprema ironia e a suprema bondade do *folk-lore*.

* * *

Jesus Cristo, quando menino, brincava fazendo castelos de areia diante de casa. Era no sábado, e passava um fariseu, no orgulho da sua túnica alvíssima de sacerdote.

– *Porque trabalhas no dia em que o Senhor descansou e escolheu para suéto?*

– *Eu não trabalho* – disse o jovem Nazareno – *crio.*

Arremessando para o ar as bolas de areia e barro, transformou-as em pombos, palpitantes de vida e força, que fremiram as asas na diafaneidade do dia sereno, e desapareceram no azul. Como este delicioso conto veio parar nos lábios dos sertanejos ingênuos? Qual a sua trajetória através das raças e dos tempos?

* * *

CASCUDO, C. Jesus Cristo no sertão

A gente do sertão considera o terceiro casamento como um castigo. Os comentários soam ser dolorosíssimos e implacáveis para o nubente. Em forma de lenda, corre uma sátira terrível.

Jesus Cristo pregava numa praça, quando a ele se achegou um amigo de nome Thiago, que disse:

– *Mestre, vou casar. Venha partir o pão da amizade em minha mesa.*

O Mestre assistiu às bodas e é provável que tivesse repetido o milagre de Caná.

Meses depois voltou Thiago declarando:

– *Rabi, morreu minha mulher e vou casar de novo. Quero vossa presença entre os meus, como prenúncio de felicidade e de paz.* Jesus olhou-o bem e mandou que São Pedro o representasse.

Tempos depois chega Thiago, explicando:

– *Jeová não quer que eu viva muito tempo com a minha escolhida. Morreu a mulher que eu amei e vou casar novamente.* Convidou-o e retirou-se para os festejos.

– *Então, mestre – perguntou um apóstolo – as bodas de Thiago?*

– *Nem vou, nem mando,* respondeu Jesus Cristo, e continuou a pregar.

* * *

A época do fim do mundo está marcada para os sertanejos. Todas as previsões, desde Nostradamus até Madame de Thebes, não têm valor para aqueles que possuem a convicção do augúrio primevo, designando quase o dia do traspasse coletivo. Isso tudo porque esta lenda faz parte da vida do Redentor, esquecida na Bíblia e guardada fielmente na memória de gerações de fiéis.

No momento da ascensão Jesus se despede dos discípulos.

– *Até quando, Senhor?* – é a pergunta ansiada dos futuros oragos.

– *Até mil e tantos anos,* – responde o Unigênito.

Felizmente, Maria Virgem e Mãe, apanhando uns caroços de milho, sacudiu-os ao vento, dizendo:

– *É mais estes, meu Filho.* Só assim, teremos que viver até o ano dois mil e tantos.

São estas as histórias de Jesus Cristo no sertão.

Reanimam e alentam a vitalidade da alma simples do vaqueiro e do cantador, estas lendas onde, numa ilusão de bondade, existe a doce esperança do paraíso.

Do “Sertão de Inverno”.

FONTE: Revista do Brasil, Ano VII, v. 20, n. 79, p. 245-247, jul. 1922.

Acervo do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus